

A bordo do MIL ANDANÇAS
Observação de Golfinhos



SadoArrábida
TIOSERRA Turismo Nature



RNAAT - 75/2011
AO Cetáceos - 33/2018

Troia/Setúbal
SadoArrabida.pt
Tlm. 915 560 342

PUBLICIDADE



+ Região

Diretor
Raul Tavares

Semanário
Região de Setúbal

Edição n.º 1140
9.ª série

DISTRIBUÍDO COM O
Expresso

Sexta-feira
27 agosto
2021

Semmais



Peixe-espada preto dá fortuna a Sesimbra

A arte foi trazida por um pescador madeirense nos anos 80 e lidera hoje as capturas na praça de Sesimbra. Falta a homenagem a quem a ensinou.

Pág. 2



Perfil de Pedro Penim

Em vésperas de assumir a direção do Teatro Nacional D. Maria II, o ator sesimbrense fala do seu percurso de vida e do seu amor à arte teatral.

Pág. 7

Camionistas reclamam parque com segurança

Preocupados com a segurança no Parque do Vale do Alecrim, em Pinhal Novo, os camionistas reclamam intervenção urgente. A câmara diz estar atenta à situação.

Pág. 10



Descobrimos quem espalha esculturas em Setúbal

Sem quebrar o anonimato, o artista mistério que tem espalhado pela cidade de Setúbal inúmeras esculturas nos locais mais inesperados deu uma entrevista ao Semmais.

Pág. 13

MOINHO DE MARÉ DE CORROIOS É DOS EDIFÍCIOS MAIS VISITADOS NA PENÍNSULA

Mós que contam a História e atraem turistas

Seis séculos de História à beira-Tejo. Um edifício que foi construído em 1403, que pertenceu a D. Nuno Álvares Pereira e que hoje é o principal ex-libris do concelho do Seixal. Antes da pandemia, só o Cristo Rei tinha mais visitantes.

TEXTO JOSÉ BENTO AMARO IMAGEM DR

REMONTA A 1403 o Moinho de Maré de Corroios, um monumento que para além de ex-libris do concelho do Seixal, simboliza também uma atividade que, durante séculos, foi predominante em toda a área compreendida entre os rios Tejo e Sado. Hoje, integrado no Eco-Museu do município, é um símbolo de toda a região, ao ponto de receber anualmente (antes da pandemia) mais de 11 mil visitantes, sendo apenas suplantado, a Sul do Tejo, nos municípios que constituem a Área Metropolitana de Lisboa (AML), pelo Cristo Rei, no Pragal, Almada.

Com sorte, caso a data da visita não coincida com uma das folgas do funcionário que mostra as diversas facetas do moinho, José Meias, uma visita ao edifício classificado de interesse municipal, também, numa aula de História que faz retroceder não só aos mais de 600 anos de existência do imóvel, como também perceber a importância do mesmo na promoção cultural e turística do monumento.

“De cada vez que aqui vem alguém que demonstra conhecimentos históricos, eu tento registar o que explicam e, depois, faço um apanhado que acabo por enviar para o centro de documentação da câmara do Seixal, para que não se percam as informações que possam ser úteis”, explica José Meias ao Semmais, acrescentando que o local é, também, um importante polo dinamizador do concelho, pois além da exposição, no interior do moinho, relativa aos mais de seis séculos da sua existência, possui

também uma mostra, no exterior, onde se fala da vida do sápal onde está localizado, focando aspetos históricos, mas ainda a fauna e a flora circundantes.

‘GIGANTE’ É ÚNICO EM TODA A PENÍNSULA IBÉRICA

O Moinho de Maré de Corroios é apenas um, entre mais de uma dezena existentes no concelho, que contam a importância dos moleiros naquela área. De acordo com o vereador seixalense Manuel Pires, responsável pelo pelouro da Cultura, “este é um monumento único na Península Ibérica e que desperta, por exemplo, o interesse de todas as escolas da região, porque não só permite conhecer uma atividade de-veras importante, como conta

um bocado da História de Portugal”.

“O moinho de Corroios é um dos 12 que até há pouco tempo existiam no concelho. Dois deles, o da Raposa, entre a Arrentela e a Amora, e o da Quinta Nova da Palmeira, próximo da Siduregia Nacional, já desapareceram. Os restantes estão quase todos na posse de entidades particulares, excetuando o de Vale Milhaços. São todos importantes testemunhos do património industrial do Seixal”, afirma.

Esse pedaço de História, refere José Meias - chegado ao município do Seixal em 2009, depois de ter ficado desempregado e sem que alguma vez tivesse lidado com a responsabilidade de mostrar e explicar um monumento - dá conta da

construção do imóvel, em 1403, a mando de Nuno Álvares Pereira, o Santo Contestável que, pela sua ação na Batalha de Aljubarrota, havia de ser recompensado com uma extensão de terrenos que, há data, iam desde Almada até Alcácer do Sal.

José Meias, que mostra um edifício que tinha em baixo a zona da moagem e no piso superior a residência do moleiro, relata, através de provérbios, a importância da atividade. “Os moleiros eram considerados pessoas com posses e, por isso, desejados para casarem. Por isso as moças, quando os visitavam, gostavam de se imaginar com os tecidos mais caros. Havia uma quadra que dizia “Menina se queres trajar/ boa saia de veludo/ Vai casar com um moleiro/

Moinho de Maré de Corroios deixou de funcionar em 1999

que a maquia paga tudo”. Esta rima, diz, alude também ao facto de os moleiros fazerem mais dinheiro do que aquele que lhes competia, não se coibindo sequer de enganar na pesagem dos cereais.

Atualmente o Moinho de Maré de Corroios não está em condições de laborar, facto que ocorre desde 1999, ano da morte de Guilherme de Almeida, o último moleiro que ali exerceu a profissão. Nesse ano, já com 86 anos, o moleiro ainda trabalhava para a câmara do Seixal, que havia adquirido o imóvel em 1980 e que o integrou no Eco-Museu municipal (do qual também fazem parte as instalações da corticeira Mundet, o Núcleo Naval, a Quinta da Trindade - junto ao centro de estágio do Benfica - e a Olaria Romano, na Quinta do Rouxinol) e ainda vendia aos visitantes o produto da moagem. “Ficou a trabalhar no seu local de sempre desde os 75 aos 86 anos. Depois, dez anos mais tarde, quando a câmara fez os restauros necessários, constatou-se que era impossível voltar a por o equipamento a funcionar”, diz José Meias. É que, conforme explica, acumularam-se nas caldeiras cerca de “400 a 500 camiões de lamas e areias”, inertes esses que impossibilitam que, tal como aconteceu durante cerca de seis séculos, seja possível ali moer cereais a cada 12 horas, durante a maré vazante. ■



Interior do monumento serve atualmente de espaço museológico onde é exibido o legado patrimonial

CAPTURAS DE PEIXE-ESPADA PRETO CHEGARAM ÀS 2.241 TONELADAS

Fortuna que chegou a Sesimbra pelas mãos de um madeirense

Até à década de 1980 ninguém capturava em Sesimbra o peixe-espada preto. Hoje esta espécie é, juntamente com o bacalhau, a maior fonte de rendimentos da comunidade. Alguns pescadores querem que seja feita uma homenagem a quem ensinou a arte.

TEXTO JOSÉ BENTO AMARO IMAGEM DR

ALGUMAS PESSOAS da comunidade piscatória de Sesimbra estão a movimentar-se para que possa ser prestada homenagem ao homem que, dizem, foi o grande responsável pela pesca de peixe-espada preto nas águas do concelho e, também, no resto do país. O homenageado, falecido há cerca de dois anos, era um antigo pescador proveniente da Madeira, que trouxe para o continente a aptidão pela captura desta espécie, como também ensinou os demais a utilizarem as artes destinadas a apanhar um peixe que, até aos anos de 1980, era um quase desconhecido em Portugal.

“Chamavam-lhe Sá Carneiro, mas o nome dele era Luís Ferreira”, diz ao Semmais Carlos Alberto, homem de 71 anos que foi pescador e agora é taxista. “Foi esse homem, que era de Câmara de Lobos, na Madeira, que ensinou os pescadores de Sesimbra a apanharem peixe-espada preto. Hoje muitos são ricos, têm grandes casas e grandes barcos, à custa do que o Sá Carneiro lhes ensinou”, acrescenta.

Victoriano Chumbau, pescador sesimbrense, conta que se

lembra “vagamente” do pescador madeirense que, em sua opinião, “mudou para muito melhor” a vida da comunidade local. “Eu tinha uns 12 anos e lembro-me de o ver num barco azul, carregado de cordas. Foi ele quem ensinou aos outros como é que se pescava um peixe de grande profundidade”.

Até ao início da década de 1980 o peixe-espada preto era apenas capturado pelos pescadores madeirenses. Em Sesimbra, apesar das águas muito profundas, habitat natural da espécie, ninguém tinha as artes que permitissem a sua pesca. “O peixe-espada preto é apanhado a cerca de 700 braças de profundidade (mais de 1200 metros)”, diz Victoriano Chumbau, enquanto Carlos Alberto adianta que o pescador madeirense fazia as suas pescarias utilizando “grandes linhas, pedras pesadas e um grande número de anzóis presos ao longo da linha principal”.

Convencer os naturais de Sesimbra e dos arredores a consumir o peixe-espada preto foi o passo seguinte. Na região apenas se conheciam os exemplares



brancos, os únicos que chegavam às lotas, às praças e aos supermercados. Carlos Alberto conta que foi ele quem levava, todas as semanas, Luís Ferreira (ou Sá Carneiro) a apresentar o produto nas casas comerciais de Lisboa. “Íamos de porta em porta, muitas vezes aos restaurantes de madeirenses, para vender o peixe. Ao mesmo tempo o Luís, que tinha um barco com um alador (instrumento que ajuda a içar para bordo a carga proveniente do mar) ia também ensinando aos outros pescadores os segredos desta faina. Foi por isso que muitos deles se tornaram ricos”, diz.

SENSIBILIZAR PARA PREITEAR QUEM 'ENGORDOU' A ARTE

Victoriano Chumbau afirma que, à semelhança do que já aconteceu em Câmara de Lobos,

na Madeira, também a câmara de Sesimbra se devia empenhar em promover uma homenagem a Luís Ferreira. “Esta terra tem o hábito de esquecer aqueles que por ela fazem alguma coisa. Era justo que o homem fosse homenageado, até porque o peixe-espada preto, a par do bacalhau, é a maior fonte de rendimentos dos nossos pescadores”.

“Hoje os pescadores de Sesimbra vão deste o Cabo Espichel a Caminha a capturarem peixe-espada preto. Há cerca de 400 pessoas que vivem deste tipo de pesca e isso é devido ao madeirense”, conta. Já Carlos Alberto relembra que, apesar de na vila existirem muitos barcos, “ninguém aproveitava um recurso que se revelou uma forma de vida muito boa”. “Foi uma mina de ouro que veio para Sesimbra

graças aquele homem a quem nunca foi reconhecido o devido valor”, afirma.

Atualmente existem 15 embarcações em Sesimbra que se dedicam à pesca do peixe-espada preto. Cada uma movimenta, entre terra e mar, cerca de 15 homens, estimando-se que o valor do pescado ascenda anualmente a mais de 10 milhões de euros.

A pesca do peixe-espada preto tem, para este ano, uma quota mais diminuta do que em anos anteriores. A União Europeia pretendia que a diminuição das capturas fosse de 20 por cento, mas, após negociações do Governo português, a diminuição cifrou-se apenas em cinco por cento. No ano passado terão sido pescadas nas águas do continente cerca de 2.241 toneladas deste peixe. ■

7 DIAS

AUDITORIA RENOVA ISO 9001 NA BAIA DO TEJO

A Baía do Tejo renovou a certificação ISO 9001, reiterando o compromisso com a qualidade, após um processo de auditoria realizado pela multinacional SGS. Este compromisso implica, segundo a empresa, a implementação de processos de melhoria contínua que visam otimizar os serviços prestados aos mais de 300 clientes, instalados nos parques do Barreiro, Seixal e Estarreja.

Palácio e Erminda Nossa Senhora de El Carmen à venda



O palacete histórico do século XV, com vista para a Serra da Arrábida, está à venda por 12 milhões de euros. Com uma área bruta de 3.200m² e um terreno de 16.750m², onde se encontra a Erminda Nossa Senhora de El Carmen, o negócio está nas mãos das imobiliárias Christie's e Private Luxury Real Estate.

"A INTERNACIONAL" NO ENCONTRO DA CANÇÃO DE PROTESTO

O hino vai estar em destaque na edição deste ano do Encontro da Canção de Protesto, que vai

decorrer em Grândola, de 10 a 12 de setembro. O evento contempla uma exposição, seis espetáculos musicais, três sessões testemunhais, uma mostra de cinema documental, uma sessão de canto livre internacional e um colóquio.

17

Número de pessoas identificadas pela GNR pela prática de infrações relacionadas com o campismo e caravanismo ilegal, nos concelhos de Grândola e Santiago do Cacém.

BALEIA-ANÃ DÁ À COSTA PERTO DA PRAIA DA COMPORTA

Uma baleia-anã em adiantado estado de decomposição deu à costa terça-feira perto da praia da Comporta, no concelho de Grândola. Segundo o capitão do porto de Setúbal, Paulo Alcobia Portugal, o mamífero, com cerca de nove metros de comprimento, estava em “elevado estado de decomposição, já com a parte óssea à amostra”.

São Bernardo em pré-calamidade, SIM aconselha deslocação para outros hospitais

Há médicos que em sete meses já fizeram 700 horas extraordinárias, cinco vezes mais do que é permitido legalmente. Urgências são asseguradas por clínicos com mais de 55 anos.

TEXTO JOSÉ BENTO AMARO IMAGEM DR

A SITUAÇÃO do Hospital de São Bernardo, em Setúbal, é de pré-calamidade, com os serviços de urgência a serem assegurados por menos de metade dos clínicos que deveriam estar destacados. De acordo com o Sindicato Independente dos Médicos (SIM), a situação só não é de “absoluta calamidade” porque são os profissionais com mais de 55 anos quem, apesar de não terem essa obrigação, conseguem fazer os turnos da noite.

“O apelo que fazemos é para que o Estado não feche os olhos à situação, à realidade. É preciso olhar para o que está a acontecer no hospital de Setúbal com olhos de ver. É por isso que estamos a apelar ao INEM para que, por exemplo, em dias de maiores carências, não trans-

porte os doentes para esse hospital onde existem médicos que fazem 80 horas de trabalho por semana e outros que, apesar de ser desaconselhável, por estar em causa o atendimento dos doentes e a própria defesa dos clínicos, fazem dois serviços de urgência por semana”, disse ao Semmais o porta-voz do SIM, Jorge Roque da Cunha.

Para o mesmo responsável sindical a gravidade do que se passa atualmente no São Bernardo pode medir-se, por exemplo, com o número de médicos do serviço de obstetrícia: “Deveriam ser 23, mas só existem 12. Desses, dois estão ausentes e oito têm mais de 55 anos, o que faz com que de imediato possam pedir escusa do trabalho noturno. Não são obrigados a fazer urgência”. Jorge Roque da Cunha



explica também que o problema é transversal às diversas especialidades clínicas e endereça às entidades públicas em causa, sobretudo a administração hospital, a administração regional de saúde e o ministério, as culpas pela atual situação. “A maior parte dos médicos fizeram, nos últimos sete meses, mais de 400 horas extra, quando o limite são 150. Os médicos estão, naturalmente, exaustos”.

HOSPITAL DIZ QUE “URGÊNCIA FUNCIONA NORMALMENTE”

Face às acusações do SIM e dos seus associados, a administração do Centro Hospitalar de Setúbal (CHS) reconheceu, através de um comunicado, a dificuldade na contratação de médicos. No entanto, no mesmo documento, negou que existam problemas com a gravidade atribuída no serviço de urgência.

“O Serviço de Urgência Geral está a funcionar normalmente e de forma articulada com os hospitais da península de Setúbal, apesar das dificuldades que temos tido na contratação de profissionais

para constituição de escalas e não comprometendo o gozo de férias por parte dos nossos colaboradores que se acumularam em virtude da total dedicação ao surto pandémico”, refere a nota em causa.

A administração refere, por outro lado, que o número de médicos que ali trabalham tem vindo a aumentar nos últimos três anos. Assim, em 2018, estariam ali a trabalhar 393 clínicos no quadro mais 82 em regime de prestação individual. Esse número terá subido, respetivamente, para 400 e 100 profissionais em 2019. Não foram divulgados números relativos ao ano passado.

Estes números colidem, com a visão do SIM que, reportando-se à situação dos médicos a nível nacional, aponta três causas fundamentais para a crescente falta de médicos e o previsível agravamento da situação: 1.600 que se vão reformar nos próximos três anos; 50 por cento das vagas que anualmente, desde 2018, ficam por preencher em todo o país; perda de 23 por cento dos salários face ao que é pago pelos privados. ■

PUBLICIDADE



Joaquim d'Almeida

Centenário da morte do ator
[1921-2021]

Museu Municipal Casa Mora
terça a sábado das 09h00 às 12h30 e das 14h00 às 17h30

Siga-nos nas redes sociais @cmmontijo | @municipiodomontijo

www.mun-montijo.pt

Apoios:



Salários no distrito pagos acima da média nacional

SEGUNDO dados da Segurança Social, os salários médios brutos no distrito de Setúbal rondam os 1318 euros. Para além da nossa região, apenas Lisboa (1465 euros) paga acima da linha dos 1208 euros, a média remuneratória nacional, apurada pelo Instituto Nacional de Estatística.

No extremo oposto, as regiões do interior, em particular no Norte e no Alentejo, surgem como aquelas onde as remunerações são mais baixas. Vila Real, com cerca de 982 euros de salário médio, surge em último entre todos os distritos e regiões autónomas, sendo antecedido da Guarda (986 euros), Bragança (989 euros) e Beja (998 euros).

Se às remunerações declaradas à Segurança Social se somarem as contribuições para a Caixa Geral de Aposentações - apenas para funcionários públicos, com vencimentos, em média, mais elevados



face ao privado -, de acordo com o grupo Cofina, o salário médio em Portugal tende a subir.

Consultados os dados do INE, referentes ao primeiro trimestre deste ano, o salário médio bruto sobe para os 1227 euros, mais 19 euros do que o vencimento médio referido de 1208 euros. ■

Crescimento populacional na península contraria regra nacional

Câmaras apostam na reabilitação urbana, na criação de rendas acessíveis e de novos postos de trabalho para atraírem residentes. Em dez anos, só o Barreiro viu diminuir (de modo residual) a população.

TEXTO JOSÉ BENTO AMARO IMAGEM DR

RENDAS ACESSÍVEIS para os jovens, reabilitação urbana e criação de postos de trabalho são as soluções preconizadas para que os concelhos do distrito de Setúbal que integram a Área Metropolitana de Lisboa (AML) voltem, nos próximos censos, a ver aumentada a população. Na contagem de 2021 efetuada pelo Instituto Nacional de Estatística (INE), apenas o município do Barreiro conheceu um decréscimo, e mesmo esse quase residual. O distrito tem agora 808.689 residentes, mais 29.290 do que há dez anos.

O Semmais tentou conhecer junto de algumas autarquias as principais razões do acréscimo geral de 3,8%. No Montijo, concelho que em conjunto com

Alcochete e Palmela regista o maior crescimento relativamente a 2011, o atual presidente da câmara, Nuno Canta, não tem dúvidas: “Temos uma boa localização geográfica, sendo de salientar a proximidade à Ponte Vasco da Gama, mas também promovemos a criação de novos postos de trabalho e, sobretudo, investimos numa nova política habitacional, que está assente na criação de rendas acessíveis para jovens casais e, também, na reabilitação de habitações nas zonas centrais da cidade”.

Esta medida parece ser, de resto, a mesma que a que a edilidade do Barreiro, a única que registou um decréscimo nos últimos dez anos, passando de 78.764 para 78.362 pessoas (menos 462

residentes) preconiza para o futuro, com o vice-presidente do município, Rui Braga, a dizer ao Semmais que “estão a ser dados passos certos para se inverter uma situação que, ao contrário do que se possa pensar, não aconteceu nos últimos quatro anos, quando este executivo iniciou funções, mas que tem raízes há cerca de dez, quando se começou a afugentar as pessoas”.

Rui Braga entende que é preciso proceder à urgente requalificação da cidade. Essa requalificação, diz, passa pela continuação do aumento das urbanizações. “É preciso aumentar a oferta e isso está a ser feito através do Programa Pólis, que visa devolver o centro do Barreiro às pessoas e, ao mesmo tem-



po, apostar na criação de rendas acessíveis, para que os jovens se fixem”, acrescentou.

Já Nuno Canta salienta também a chegada ao município, sobretudo nos quatro últimos anos, de várias empresas. “O Montijo é, em todo o país, um dos concelhos com maior taxa de crescimento (tem agora 55.732 residentes, mais 4.510 do que em 2011) e tem assistido à instalação de diversas empresas. Dou o exemplo de dois grandes supermercados que chegaram recentemente e contribuíram para a criação de mais 300 postos de trabalho”, disse.

SUBIDA DO DISTRITO ABABA DECRÉSCIMO NO PAÍS

Os dados estatísticos do INE

mostram ainda que a península, com uma subida geral de 3,8% da sua população, consegue ter um resultado global melhor do que a generalidade do país, onde a população reduziu dois por cento (menos 214.286 habitantes face a 2011).

Segundo a mesma fonte, Palmela tem agora 68.879 habitantes, ao passo que Alcochete passou a contar com 19.148. Também o Seixal e Sesimbra, com crescimentos percentuais de 6 e 5,3% registaram um aumento superior à média do distrito. A capital Setúbal, por sua vez, passou de 121.185 para 123.684 residentes. O concelho de Almada registou um aumento de 1,9% e o da Moita ficou-se pelos mais 0,4% de residentes. ■

ALMADA DESTINO NATURAL

#almadaonossoadn

Almada Destino Natural dos amigos, das conversas, dos tees e dos putts, das amêijoas, dos mergulhos, do swell, dos passeios, das férias, dos sunsets, dos amores, das histórias, dos petiscos, dos artistas e dos espetáculos.

Almada tem tudo no seu ADN. Já conhece Almada?



Available on the iPhone
App Store



ANDROID APP ON
Google play

CMA
CÂMARA MUNICIPAL DE ALMADA

GINJAL

Lagoa de Albufeira está assoreada mas a água tem qualidade

Câmara de Sesimbra e APA dizem que as análises à água são frequentes e que a qualidade é excelente. Reconhecem que é preciso retirar a areia da boca da lagoa, mas não dizem quando.

TEXTO JOSÉ BENTO AMARO IMAGEM DR

A LAGOA DE ALBUFEIRA, no concelho de Sesimbra, está assoreada e é frequente encontrar-se algas nas suas margens e interior. Tal não significa, no entanto, que esteja imprópria para ser utilizada pelos banhistas. Tanto a câmara municipal como a Agência Portuguesa do Ambiente (APA) garantem que a qualidade da água, tanto no espaço do mar como no espaço interior, é de excelente qualidade. A abertura, para que se proceda à renovação das águas está, no entanto, atrasada.

O Semmais confirmou junto de fontes conhecedoras do processo que o desassoreamento daquele espaço tem vindo a ser discutido entre as duas entidades. Pela APA, porque é o organismo do Estado a quem compete realizar e pagar os trabalhos, e pela Câmara Municipal de Sesimbra, porque tem naturais interesses turísticos e porque, desde 2019, na sequência de um protocolo assinado com a agência ambiental, tem a incumbência de tratar da logística necessária para contratar as empresas para realizarem os trabalhos.

“Independentemente de ha-

ver uma natural preocupação das pessoas que se assustam quando veem algas na lagoa, é um facto que a qualidade da água, tanto na parte do mar como na parte interior, é de excelente qualidade”, disse uma das fontes contactadas. Essa mesma fonte garantiu também que prosseguem a reuniões entre as duas entidades e que até já existe uma estimativa acerca dos custos dos trabalhos, que podem chegar aos 90.000 euros. “Desassorear a boca da lagoa é um trabalho complexo, que exige maquinaria e conhecimentos específicos”, explicou.

ALGAS NÃO INTERFERE NA QUALIDADE DA ÁGUA

Por parte do Ministério do Ambiente um outro responsável garantiu que não existe qualquer perigo para a saúde pública. “A lagoa foi aberta no final de maio e nessa altura procedeu-se à natural renovação da água. Depois disse, como é habitual, fizeram-se mais algumas análises e todas elas confirmaram a excelente qualidade”, disse.

“As algas que em alguns pe-



ríodos se concentram em maior quantidade nas margens (por efeito das marés e do vento), podem degradar-se e, com isso, libertar cheiro desagradável, que não é um indicador de degradação da qualidade da água”, esclareceu o município após solicitação do Semmais.

A edilidade confirmou, também, uma informação que já havia sido prestada APA e que

se refere à limpeza do areal na margem Sul da lagoa. “É um facto que têm sido efetuados diversos trabalhos na área, sobretudo de remoção de velhas embarcações e outros apetrechos que ali se encontravam abandonados há vários anos”, acrescentou.

A câmara de Sesimbra adiantou ainda que a limpeza nas margens da lagoa é feita semanalmente e que o controlo da

Custos do desassoreamento podem chegar aos 90 mil euros

qualidade dos bivalves que ali são capturados é feito através dos serviços do Instituto Português do Mar e da Atmosfera, não existindo, até ao momento, qualquer indicador relativo a uma eventual má qualidade dos mesmos. ■

Final de festa religiosa afastou populares da nascente do Rio do Olho

Com o fim do desfile do Círio da Atalaia perdeu-se uma tradição que levava centenas de agricultores até uma nascente que era atração no concelho de Sesimbra.

TEXTO JOSÉ BENTO AMARO IMAGEM DR

O PROGRESSO também pode trazer inconvenientes. Que o digam os habitantes do Parral, Casais da Serra, no concelho de Sesimbra, que com a construção de novas estradas assistiram à quase extinção de uma tradição religiosa que movimentava centenas de pessoas: a romaria do Círio de Nossa Senhora da Atalaia.

Este desfile religioso (mas que nunca foi muito apoiado pela Igreja, ao ponto de muitas vezes não incluir a presença de padres) tinha lugar no início do verão, quando as famílias de lavradores da região

iam em desfile com imagens e estandartes de santos para agradecerem em nome próprio, mas também em sinal de reconhecimento pelo bem-estar dos animais e dos bons resultados agrícolas.

No Parral, segundo contou ao Semmais uma das poucas pessoas que ainda ali habita, o ponto alto era a paragem das centenas de peregrinos no Rio do Olho onde, à sombra dos pinheiros, se fazia a última refeição antes da chegada ao Santuário de Nossa Senhora da Atalaia.

“Vinha sempre muita gente.

Vinham em carroças e continuaram a vir durante muitos anos, até que foi construída outra estrada e este local deixou de ser zona de passagem”, relata Maria Eulália.

ACESSO À NASCENTE ESTÁ AGORA MAIS DIFICULTADO

Hoje o Rio do Olho, uma nascente de água que terá sido utilizada ao longo dos séculos por todos os povos que colonizaram a zona, está mais isolada da povoação. Inserida numa herdade propriedade do duque de Palmela, a nascente ainda pode ser utilizada por quem



Nascente foi utilizada ao longo dos séculos por vários povos

ali busca água, mas o acesso já se faz por um caminho mais distante e, por isso, menos atrativo para quem ali reside. O trajeto antigo com cerca de 500 metros, foi substituído por um outro, com cerca do dobro da extensão, fazendo com que os utilizadores já não consigam deslocar-se a pé.

“Noutros tempos, talvez em 1958 ou 1959, aquela nascente era conhecida pelo rio dos pobres, que ali iam buscar água e ali lavavam a sua roupa. Havia o rio dos pobres e o rio do duque, que também não tinha água canaliza-

da e dali abastecia o seu palácio”, diz ainda a mesma moradora.

Para Maria Eulália as tradições religiosas, como as festas dos círios (a do Círio da Atalaia realiza-se, pelo menos, desde o século XVI), deveriam ser preservadas e retomadas, de forma a que algumas zonas do concelho voltassem a ter vida e que, de alguma forma, pudessem contribuir para a promoção turística do concelho. ■

ATOR SESIMBRENSE CHEGA AO TOPO DO TEATRO NACIONAL

Pedro Penim indigitado para atuar num novo ‘palco maior’

Ainda hoje é lembrado pelo rosto do “Art Attack”, mas conta com um largo percurso no teatro dentro e fora de portas. Agora cabe-lhe a missão de dirigir o Teatro Nacional D. Maria II. É a nova aventura de Pedro Penim.

TEXTO RAUL TAVARES IMAGEM DR



COM A ADOLESCÊNCIA carregada de esboços, traços e desenhos cumpridos, experimentou a arquitetura, mas esbarrou na barreira técnica da licenciatura. Não foram dois anos perdidos, mas deu para perceber que não havia rumo a seguir. O destino era a cena teatral.

Desistiu ao segundo ano da Faculdade de Arquitetura de Lisboa e não está arrependido. “Foi uma experiência, porque desde cedo o desenho e as artes ocuparam o meu imaginário, passava horas e horas a desenhar”, diz ao Semmais Pedro Penim, prestes, agora, a ‘encenar’ um novo rumo na liderança

do Teatro Nacional D. Maria II.

Natural de Sesimbra, onde regressa de quando em vez, porque ficaram as raízes familiares e todos os cheiros de uma vida até à conclusão do ensino secundário, o ator de 46 anos de idade, fundador do Teatro Praga, em 1995, calcou muitos palcos, num percurso que diz ter sido “muito feliz”. “Sou um sortudo, porque sempre tive muitas oportunidades, que agarrei com abnegação e esforço. Mas nunca me cansei, nunca senti vontade de desistir”, afirma.

Muito jovem começou a viagem “com vontade de fazer teatro ainda como espetador”. Na

Malaposta, na Coluna, no Trindade, convencendo, muitas vezes os pais a acompanhá-lo. Lembra duas peças que o marcaram e ajudaram a construir o sonho de seguir esse destino. “Conto de Inverno”, na Cornucópia, com Beatriz Batarda e gente muita nova no elenco; e a peça “Naque”, no Teatro Meridional. “Eram espetáculos muito intimistas. Deu vontade de estar ali, subir ao palco”, recorda.

Mais tarde, antes da rutura com a arquitetura, viria a experimentar cursos e workshops em companhias independentes, ingressou no Curso de Teatro do Conservatório e arrancou com o Teatro Praga, que ainda hoje considera “a sua casa-mãe” e o projeto da sua vida. “Dediquei-lhe muito tempo a partir dos meus vinte anos”, afirma categórico. Pode mesmo dizer-se que o seu percurso se confunde com o teatro que criou, uma das estruturas culturais mais prestigiadas do país.

A JANELA DO “ART ATTACK” E OS BISCATES DA TELEVISÃO

Pedro Penim galga para a ribalta quase sem dar por isso. Corria o ano de 1997, quando recebeu um convite para o Clube Disney. Dai a ser o rosto e a voz do “Art Attack” foi um instante. “O público não sabe

mente telenovelas e séries, mas muito poucas ficariam verdadeiramente marcadas no âmago do ator. “Eram biscates porque davam algum conforto e estabilidade financeira. Hoje posso dizer que as coisas de ficção que fiz eram de má qualidade e feitas à pressão. Não me deixaram saudades e se pudesse apagaria algumas do meu currículo com todo o gosto”, explica. Num desses ‘biscates’ chegou mesmo a pedir para “matarem” a sua personagem para acabar o sacrifício.

Mas o teatro, esse, nunca deixou de lhe correr nas veias e nos palcos. “O Art Attack’ foi uma espécie de segundo emprego e a televisão era secundário, residual. Nunca deixei de fazer teatro em nenhum momento da minha vida”.

Agora chega ao topo, com esta indigitação para liderar o Teatro Nacional D. Maria II. E, sem data marcada para assumir as funções, já tem a cabeça a fervilhar de ideias, mesmo tendo a estreitar a peça “Pais e Filhos”, um clássico russo de Ivan Turguêniev, escrito e encenado por si, que deverá subir a cena no São Luís, a 15 de setembro.

A responsabilidade de tornar o Teatro Nacional como “espaço vivo que dialoga com o seu tempo”, a programação versátil que vai dos clássicos aos contemporâneos, o compromisso da dramaturgia portuguesa, o levar mais público ao teatro e dar-lhe uma certa itinerância, fazem parte do cartaz de Pedro Penim para cumprir esta nova dimensão cultural, social e ética de um cargo público que lhe chegou às mãos como mais uma missão para cumprir. ■

Pedro Penim fundou o Teatro Praga em 1995

que essa experiência foi muito residual, porque gravei tudo em três meses, num estúdio, em Londres. Em tempo útil foi muito pouco, mas parece ter ficado para sempre, como uma espécie de assinatura”, conta ao Semmais. E acrescenta: “Dá-me um grande orgulho, abriu horizontes e foi um processo muito enriquecedor”.

Seguiram-se inúmeras experiências na televisão, nomeada-



Teatro foi sempre a atividade principal do ator, encenador e dramaturgo

Rua das Gaivotas 6 e a magia de Sesimbra

Pedro Penim e o seu Teatro Praga ganharam um novo amor com a criação em 2015 do espaço Rua das Gaivotas 6, em Lisboa, que é uma espécie de antecâmara para novos atores, escritores e encenadores. Jovens talentos que, segundo diz, “precisam do seu espaço de consagração e de apoio”, lembrando os seus primeiros passos. “Era um gap que existia no mercado, porque não havia um espaço para este género de projetos”, explica. Multifacetado também continua a dar aulas no país e no estrangeiro. Com uma carreira já tão longa, com muitos êxitos no percurso, não deixa de lamentar nunca ter tido oportunidade de levar o seu teatro à terra natal: “Se há alguma magia que posso sentir em relação a Sesimbra é nunca ter tido atuado no Cine Teatro João Mota. Nunca houve nem proximidade nem interesse por parte das autoridades locais em relação ao meu trabalho. E, confesso, que em alguns momentos fiquei muito triste”

CAMPANHA A AQUECER E QUASE NA GRELHA DE PARTIDA

Palavras e frases que o marketing está a tecer

Com os motores a aquecer para o arranque da pré-campanha das autárquicas no distrito, ficam as linhas de força do marketing e comunicação.

TEXTO ANABELA VENTURA IMAGEM DR

MESMO SEM grandes chances de sucesso, os social-democratas do Seixal ganharam visibilidade com um conjunto de cartazes provocatórios, com piadas sobre alguns ícones comunistas como Estaline, Cunhal, Mao Tse-tung ou Che Guevara. “Só mesmo os cubanos podem fumar charutos”, pode ler-se num dos outdoors, em que aparecem as figuras de Fidel Castro e Che Guevara a deliciarem-se com um “puro cubano”. Também trocaram nomes de ruas, o que já deu origem a troca de mimos nas redes sociais e até queixas judiciais.

A ideia, referem os estrategas da campanha é atrair “visibilidade racional”, obrigando a cobertura dos meios de comunicação social, como referiu esta semana à Sábado

do Gomes de Almeida, o mentor da ideia. O modelo, sustenta, é chamar o humor à liça num concelho que, como diz, é essencialmente um dormitório de Lisboa e está nas mãos do PCP há 45 anos”.

Os socialistas, que lutam pelo derrube do poder CDU, querem “Fazer Mais e Melhor”, e tem-se desdobrado na apresentação de projetos, numa campanha mais à séria. E a CDU responde “Futuro de Confiança”, empreendendo suporte à sua gestão.

A palavra futuro é muito recorrente. Usada por exemplo, pela CDU em Almada (Por Almada Pelo Futuro), BE em Sesimbra (Construir o Futuro), PSD no Barreiro (Dar Futuro ao Barreiro), CDU em Alcochete (Consigno

Somos Futuro), PS em Alcácer (O Futuro é Agora), PS em Grândola (Unidos pelo Futuro) e, entre outros, CDU em Sines (Para Sines um Futuro de Confiança). Podemos acrescentar o PS em Setúbal que oferece um trocadilho sério, mas aponta igualmente ao futuro, através da composição mais elaborada, “Uma Grande Cidade não Pensa Pequeno - Setúbal a Capital do Futuro”.

Confiança e Mudança são outras duas palavras muito em uso neste léxico da campanha eleitoral. Vamos a exemplos: BE em Setúbal (Juntos pela Mudança); PS Moita (Coragem para Mudar); PS Sesimbra (Sesimbra vai Mudar); PSD Seixal “A Mudança é Agora”, PS Sines (Confiança e Compro-



misso Sines); CDU em Palmela (Relação de Confiança), sendo que a candidatura do MCCP em Palmela agrega as duas forças (Mudança com Confiança), e a Iniciativa Liberal Setúbal pede (Está na Hora de Mudar).

E quando se juntam as categorias com adjetivação as expressões são muito afirmativas, como o PS Seixal “Fazer Mais e Melhor pelo Seixal), CDU Alcácer do Sal (Sempre a Avançar para Melhor), PS Santiago do Cacém (Pensar Diferente Fazer Mais), CDU Setúbal (Com a CDU Continuar Setúbal), PSD, que em coligação alude à antiga sigla da AD (Almada Desenvolvida - Fazer o que ainda não foi feito) ou o PS Barreiro (Afirmar o Barreiro). Inclui-se neste lote a CDU Montijo (Com a CDU Mais e Melhor Montijo), ou o PSD Alcochete (Alcochete Pede Mais).

Num toca a reunir, seguem-se

expressões como a do PS Montijo (Todos Fazemos Montijo), ou mesmo do PSD montijense (Montijo Conta Connosco), sem esquecer a CDU Grândola (Todos por Grândola - Grândola Para Todos), a que se junta o PS Palmela (Juntos Somos mais Fortes), o CDS/MIM Palmela (Por MIM por Todos), CDU Sesimbra (Juntos Sempre a Crescer), CDU Moita (Com a CDU há Mais Equipa) e a CDU Barreiro com mensagem mais curta (Juntos).

Há também verbos afirmativos e enfáticos: PS Almada (Eu Escolho Almada); PSD Sesimbra (Faz Acontecer), ou simplesmente apelos ao sentimento, como o CDS Sesimbra (Sesimbra Primeiro), Movimento Amar Setúbal (Amar Setúbal). Fica para registo ainda as máximas do PSD Setúbal (Alternativa Segura) e do Chega Setúbal (Libertar Setúbal). ■

966 196 297 • recrutamento.grupolounge@remax.pt

Imosetúbal - Sociedade de Mediação Imobiliária, Lda AMI 10434

ESTA VAI SER A SUA REAÇÃO QUANDO DESCOBRIR

O QUE O GRUPO LOUNGE OFERECE!



ENCONTRO INTERNACIONAL GESTÃO DE SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS EM MEIO URBANO

International Conference on Management
of Archaeological Sites in Urban Areas

Inscrição online



Inscrição presencial



13, 14 e 15 set 2021

Auditório Municipal Fernando Lopes-Graça
Fórum Municipal Romeu Correia
Almada

MAIS INFORMAÇÕES

arqueologia@cma.m-almada.pt
Tel.: 212 724 988

www.m-almada.pt

PARCEIROS



MEDIA PARTNER

PATRIMONIO.PT

ORGANIZAÇÃO



AUTARQUIA DECLINA QUEIXAS DOS UTENTES DO PARQUE DE PESADOS DE VALE DO ALECRIM

Camionistas dizem-se inseguros por falta de vigilância



À degradação e falta de segurança do parque, denunciada pelos utentes, o município responde que o recinto é limpo, conservado, reparado em continuidade e que está a estudar opções para a futura gestão.

ENTREVISTA ANTÓNIO LUÍS **IMAGEM** DR

O **PARQUE DE PESADOS** de Vale do Alecrim, na freguesia de Pínhal Novo, criado em 2006 pelo município para retirar os veículos pesados do perímetro urbano da localidade, está a deixar alguns utentes à beira de um ataque de nervos. Isto porque, segundo reclamam, o espaço deixou de ter vigilância o que tem originado vários roubos, por desconhecidos, de combustível, baterias e catalisadores dos escapes das viaturas ali estacionadas.

Vítima desse tipo de vandalismo foi Luís Guerreiro que, ao

Sem mais contou que o seu camião já foi alvo dos 'larápios'. "Danificaram o depósito de combustível com uma picareta e levaram-me cerca de 700 litros de gasóleo e baterias", disse.

Luís Guerreiro adiantou ainda que os utentes estão dispostos a pagar 30 euros mensais para que a vigilância de 24 horas por dia volte ao recinto. "Queremos que todas as entradas sejam registadas e controladas, tal como acontece no parque de viaturas da câmara. Vai haver sempre alguém que não quer pagar, mas

uns não podem ser prejudicados por causa dos outros, porque, além da segurança dos camiões, também está em jogo as suas cargas", alegou.

Outra questão que deixa preocupado este camionista é o facto de a autarquia ter depositado 53 viaturas degradadas no interior do parque, onde costumam estar estacionados mais de 50 camiões, alguns dos quais cisterna com combustível: "Estes carros aumentam o perigo e a tentação para os roubos porque são chamariz para o furto de peças".

A falta de limpeza das caleiras das águas, a distância incorreta dos estacionamentos dos camiões, ausência de extintores, vedação danificada, iluminação deficiente, um poste de iluminação a abanar, uma boca de incêndio estragada e outra tapada pelas velhas viaturas são outros dos problemas apontados pelos utentes.

CÂMARA DE PALMELA DIZ ESTAR ATENTA À SITUAÇÃO DO PARQUE

O município desdramatiza as reclamações e garante que está "a estudar opções para a futura gestão do parque", as quais poderão passar por "retomar a vigilância 24 horas por dia, mediante uma taxa paga pelos utentes" ou, então, "pela entrega da gestão a privados".

Fonte da câmara recorda que o parque, inicialmente, era fechado e tinha vigilância 24 horas por dia, o que obrigava a inscrição e pagamento por parte dos utilizadores. "Apesar do valor ser muito baixo e das boas condições proporcionadas, os camionistas e as empresas mostraram-se desagradosos com a taxa e não utilizaram o espaço", afirmou.

Devido a esta situação, a edilidade decidiu, há mais de uma década, tornar o parque "gratuito": "O espaço passou a funcionar como estrutura de apoio

gratuita, sem vigilância, como qualquer outro parque de estacionamento urbano, mas especificamente vocacionado para veículos pesados".

No que concerne às viaturas depositadas no parque, o município esclarece que são "carros retirados das ruas" e que "aguardam o final do processo burocrático para seguirem para abate". E ocupam "menos de 10 por cento da área de estacionamento e não prejudicam o estacionamento de camiões, já que o parque nunca esteve lotado".

A autarquia de Palmela garante também que irá consertar as redes danificadas - as quais já tinham sido anteriormente reparadas -, a iluminação também será melhorada e o poste que está a abanar "já foi avaliado e não apresenta perigo". Além disso, diz que a marcação dos lugares de estacionamento corresponde em "absoluto" às normas técnicas legais para veículos pesados. ■

Alcácer moderniza Avenida dos Aviadores e ruas adjacentes

A emblemática avenida e com maior tráfego rodoviário da cidade vai ficar mais atrativa em 2022. Há dezenas de anos que a artéria, que liga Alcácer ao Parque de Feiras e Exposições, não era melhorada.

TEXTO ANTÓNIO LUÍS **IMAGEM** DR

DEPOIS DA REQUALIFICAÇÃO de toda a zona ribeirinha, com novo mobiliário urbano e gradeamento, a população de Alcácer do Sal vai assistir a uma outra obra "fundamental". Vai custar aos cofres do município cerca de 3 milhões e meio de euros, só a 1.ª e 2.ª fases. Trata-se da requalificação da Avenida dos Aviadores Gago Coutinho e Sacadura Cabral, a artéria com "mais procura"

rodoviária e, porventura, a mais "emblemática" da cidade que "não é tratada há dezenas de anos", sublinha o edil Vítor Proença.

O autarca revelou ao Semmais que o município, que gere há dois mandatos, já encomendou um projeto de modernização ao gabinete TIS, de Lisboa, que, na sua opinião, apresenta uma ideia "muito interessante" para a referida avenida, nomeadamente entre

a rotunda 25 de Abril e a zona do Parque de Feiras e Exposições, que irá avançar no terreno em quatro fases.

Desvendando um pouco do novo figurino da Avenida dos Aviadores, um corredor "importante" no acesso a Évora, Montemor-o-Novo e Torrão, onde existem vários estabelecimentos comerciais e o Mercado Municipal, Vítor Proença realça que o

projeto consta de "uma renovação do traçado, de forma a ampliar o espaço para a circulação dos peões, plantio de mais árvores e a colocação de novo mobiliário urbano".

PROJETO VAI SER CANDIDATADO A FUNDOS

A 1.ª e 2.ª fase de intervenção irá contemplar as duas vias, ou seja, a zona rodoviária e a mais interior, e inclui a montagem de novos quiosques, bancos e zonas de estadia "muito atraentes". "Ficaremos com a cidade completamente renovada na sua plenitude", sublinha o autarca, acrescentando que o projeto de modernização está "concluído" e que falta apenas esperar pelo novo sistema de financiamento do Programa Portugal 2030. "É uma obra de valor muito elevado que reclama financiamento comunitário. Aguardamos que abram os concursos de financiamento, o que acontecerá só lá para 2022", disse, alegando acreditar que a comparticipação se situe

"entre os 75 e os 85 por cento".

Na 3.ª fase, o processo de requalificação irá abranger a área mais histórica, ou seja, as traseiras do Mercado Municipal, a Rua 5 de outubro, e outras artérias adjacentes. "Nessa zona vários privados estão a comprar casas e a fazer obras, o que irá embelezar ainda mais a cidade", adiantou o edil. A 4.ª fase estende-se até à Associação de Regantes e Beneficiários do Vale do Sado. O valor global das quatro fases será de 4,5 milhões de euros.

Fazendo referência a outra intervenção que considera emblemática, Vítor Proença revela que a inauguração do renovado Parque de Feiras e Exposições deverá ocorrer a 4 de setembro. "É a obra mais emblemática feita em Alcácer", refere, apontando que foram gastos valores idênticos aos da modernização da Avenida dos Aviadores, onde se inclui o investimento no novo sistema de transporte urbano coletivo da cidade. ■

GRUPO EAD GUARDA E TRATA 880 QUILOMETROS DE CAIXAS ARQUIVADORAS

Líderes de gestão documental em Portugal têm sede em Palmela



A carteira inclui cerca de 2.500 clientes, onde sobressaem os bancos, companhias de seguros e hospitais. Presente no continente e ilhas, o grupo iniciou em 2019 a internacionalização, instalando-se na Roménia.

ENTREVISTA JOSÉ BENTO AMARO **IMAGEM** DR

PALMELA É SEDE do grupo EAD, um conjunto de empresas nacionais que se dedica à gestão documental com suporte em papel e às soluções digitais. Trata-se de um grupo líder do segmento de mercado em Portugal e que também já labora no estrangeiro. Aos 250 funcionários que já possui deverão juntar-se, já na primeira semana de setembro, mais 40, os quais irão

integrar o backoffice de uma operadora de telecomunicações. As perspetivas de crescimento são boas e apontam para um futuro baseado na inovação, mas, também, na aposta na adoção de métodos cada vez mais amigos do ambiente.

“Somos uma empresa orgulhosamente da margem Sul, que tem mais de 2.500 clientes e que presta serviços a entidades tão

importantes como hospitais, bancos, companhias de seguros ou mesmo companhias aéreas”, disse ao Semmais o CEO da EAD, Paulo Veiga.

Este grupo começou a trabalhar em 1993, então com o atual responsável a “bater de porta em porta, tentando convencer as empresas de que seria bom fazer a gestão dos seus documentos em papel, guardando-os

Empresa conta já com 250 funcionários e vai contratar mais 40

num armazém que tinha alugado no Barreiro”. “Comecei a empresa com 4.000 contos”, explicou ao nosso jornal, adiantando que o atual volume de negócios é, anualmente, de 13 milhões de euros. “Somos uma empresa rentável e que emprega já um número significativo de pessoas”, afirma.

Atualmente a empresa labora em Palmela, mas também no Montijo, no Porto, nos Açores, na Madeira e, desde 2019, em Bucareste, na Roménia. “Somos os líderes do mercado e constatamos que outros andam a reboque das nossas ideias, pelo que temos de estar satisfeitos com o que já atingimos mas, ao mesmo tempo, temos de estar preparados e atentos à realidade do que nos rodeia”, diz Paulo Veiga, salientando que essa atenção ao mercado inclui, por exemplo, a fusão com novas empresas. “Em outubro, por exemplo, juntámos a Papiro, que era o nosso maior concorrente e já mais recentemente, num negócio de menores dimensões, uma vez que a faturação desta empresa seria de cerca de 500 mil euros, comprámos a Fernandes e Canhoto”, adiantou.

EMPRESA TEM A GUARDA DE DOIS MILHÕES DE CAIXAS

O grupo EAD inclui também a Fin-Prisma (Marco Santos) e a Papiro (Luís Bravo). Os contra-

tos destas três empresas fazem com que, atualmente e de acordo com Paulo Veiga, tenham à sua guarda dois milhões de caixas de arquivo, as quais correspondem a 880 quilómetros.

“A gestão documental, assim como a organização e avaliação, a custódia, a gestão de arquivos e a destruição segura são fatores essenciais para um bom desempenho. A gestão documental tem custos ocultos associados e que se relacionam, por exemplo, com a segurança dos materiais, a proteção de dados e muitos outros”, diz Paulo Veiga, exemplificando desse modo a importância de bem guardar e tratar todo o suporte em papel.

Em simultâneo, o grupo vai oferecendo aos seus clientes a possibilidade de aderirem às novas soluções digitais, ajudando desse modo a agilizar processos, a otimizar recursos e a tornar os clientes mais competitivos. “Fica tudo à distância de um clique”, sintetiza o CEO, salientando que a transição para o digital também se reveste de uma carga ecológica. “Em 2020, por exemplo, reciclámos para os novos clientes cerca de 2.000 toneladas de papel. É um valor importante, até porque o papel pode ser sempre reaproveitado. Além disso, ao contrário do que se pensa, não é a indústria do papel aquela que mais contribuiu para o abate de árvores. Os incêndios e a construção de móveis têm, nesse aspeto, muito mais peso”. ■

Porto de Sines no top 100 mundial

O aumento da movimentação de contentores foi de 13 por cento e, no final deste ano, deverá ser ainda maior, atingindo as 1,8 milhões de unidades.

TEXTO JOSÉ BENTO AMARO

O PORTO DE SINES ocupou, no final de 2020, o 98º lugar na classificação da Container Management, uma revista especializada em carga contentorizada e que anualmente organiza uma classificação denominada “World Top Con-

tainer Ports” para determinar quais os portos mundiais que mais contentores movimentam. Trata-se de uma melhoria de sete posições face à última contagem e que se espera superar até final deste ano.

Pelo Terminal XXI, segundo informação prestada pela Administração do Porto de Sines, terão passado no ano transato 1.611.963 milhões de contentores, número que corresponde a um aumento percentual de 13% face à anterior contagem. Com a subida registada a infraestrutura voltou a entrar no top 100 mundial, confirmando novamente a intenção de fazer de Sines a principal porta de entrada de carga contentorizada na Europa.

A mesma fonte refere ainda que o primeiro semestre deste ano revelou, face ao período homólogo do ano passado, um crescimento de 22,5%. Face a esta subida, os responsáveis acreditam que no final do ano o número total de contentores movimentados possa rondar os 1,8 milhões, o que representará nova ascensão a nível mundial.

Os números já alcançados são desta-

cados pelos administradores, que salientam “o contexto adverso que a pandemia tem vindo a impor desde 2020”. “Estes excelentes resultados atestam a resiliência e determinação de toda a comunidade portuária e logística de Sines em manter e reforçar as cadeias logísticas, tendo o porto conseguido manter-se 100% operacional durante todo este período”, afirmam num comunicado.

As perspetivas de crescimento são ainda alicerçadas pelo facto de a autoridade portuária de Sines ter assinado, há dois anos, um contrato com a concessionária do Terminal XXI, a PSA Sines, que visa aumentar a capacidade daquele espaço, passando a poder acolher 4,1 milhões de contentores. A ampliação do local (o cais passará a ter 1.750 metros) corresponde a um investimento estimado de 660,9 milhões de euros. ■

65 MIL EUROS LEVAM AO SEIXAL UM CARTAZ DE REVELAÇÕES

Sons do jazz ecoam auditório do Forum Cultural

O SeixalJazz está de volta com uma programação de revelações e consagrados. Embora não tenha sido realizado em 2002, 2004 e 2006, devido a restrições financeiras, a organização faz questão de celebrar os 25 anos de atividade.

ENTREVISTA ANTÓNIO LUÍS IMAGEM DR



A 22.ª EDIÇÃO do SeixalJazz, que decorre entre 14 e 23 de outubro, numa organização da autarquia, está orçada em 65 mil euros e promete continuar a atrair os amantes deste estilo musical. Todos os espetáculos começam às 22h00 e decorrem no auditório do Forum Cultural. Segundo Ana Oliveira Silva, diretora do departamento Cultural do município, a programação deste ano está recheada de “bons momentos”.

Na primeira semana atuam Billy Hart Quartet, Diogo Alexandre Bock Ensemble e Lisbon Underground Music Ensemble, enquanto na segunda é a vez de João Lençastre's Communion 3, Dayna Stephens Quartet, Melissa Aldana Quartet e The

Trio featuring Ted Nash, Steve Cardenas e Bem Allison.

Com um balanço de 25 anos “extremamente positivo”, Ana Oliveira Silva recorda que foi o primeiro certame do género a ser realizado por uma autarquia em Portugal. “Em 1996 só o Seixal deitou mãos a este festival, muito ambicioso para a altura, com um cartaz com nomes sonantes”, o que contribuiu, rapidamente, para se tornar um evento de referência nacional e internacional. “Temos tentado misturar várias linguagens jazzísticas, de forma a tornar o festival inovador e diferenciador em relação a outros do género. Ao longo dos anos criou e consolidou o seu público, e tem atraído novos públicos, e até mes-

mo no ano passado, em tempo de pandemia, a edição não deixou de ter casa cheia em relação aos lugares que tínhamos disponíveis”, disse ao Semmais.

CULTO PELO JAZZ É INCENTIVADO NAS ESCOLAS DO CONCELHO

A responsável referiu ainda que quem assiste aos concertos é, sobretudo, um público “apreciador e conhecedor” de jazz, mas também acorrem “curiosos”. Com a finalidade de promover o jazz, o município desenvolve nas instituições de ensino do concelho o SeixalJazz vai à Escola, que procura “atrair os mais jovens para este género de música e, também, formar novos públicos”. No que concerne às idades, realçou que são “muito variadas” e que as pessoas são oriundas da “margem Sul e da Área Metropolitana de Lisboa”, mas, também, já passaram pelo festival pessoas do “Porto e turistas de vários países” que estão de férias em Portugal.

Em termos de nomes sonantes que já integraram o cartaz do evento, ao longo dos anos, Ana Oliveira Silva destaca Dave Holland, Bernardo Sasseti, Chick Corea, Carlos Bica, Maria João & Mário Laginha, Charlie Haden, Angles, Ambrose Akinmusire, Jerome Sabbagh, Mette Henriette, Ricardo Toscano, Lee Konitz, entre muitos outros.

Os ingressos diários têm um custo de 12 euros, enquanto a assinatura para os sete dias fica em 70 euros. ■

Festival A Estrada promove cultura em Santiago do Cacém

TEXTO ANTÓNIO LUÍS

CONCERTOS, artes performativas, instalações artísticas, cinema, conversas, caminhadas e gastronomia são o prato forte do 1.º Festival A Estrada, uma produção da Transibéria, a decorrer de 8 a 12 de setembro, desde a aldeia de S. Francisco da Serra à praia da Costa de S. André, no concelho de Santiago do Cacém.

Gaspar Varela e Paulo Parreira, Sampladélicos, Maria Adélia Botelho, O Gajo, Teatro Gato SA, Teatro do Mar e Música Portuguesa a Gostar dela Própria em residência com as Vozes Além Tejo, são alguns dos nomes, entre outros, que constam no cartaz deste novo evento que faz a ligação entre o interior e o Litoral do Alentejo.

Carlos Gomes, diretor artístico do, adiantou ao Semmais que o festival pretende “experienciar e descobrir um território, dando a conhecer aspetos específicos da sua cultura e paisagem - como os ecossistemas do montado e das Lagoas de Santo André e da Sancha -, a gastronomia, as sonoridades e as manifestações artísticas”. É missão ainda do certame “reunir, confrontar e entrelaçar os caminhos dos que vivem diariamente neste território

com os que o visitam e atravessam”. Por outro lado, visa “contribuir para a qualificação e dinamização da oferta cultural da região, não esquecendo os usos, costumes, saberes e atividades das suas gentes”.

Foi através da mudança de residência do seu diretor, de Lisboa para o Alentejo, em 2020, que surgiu a oportunidade de criar o Festival A Estrada. “Quando circulava pela Estrada Municipal 544, que liga S. Francisco da Serra à Lagoa de Santo André, para ir para a praia, sempre com o azul do mar em pano de fundo, reparei que esta estrada reúne, dialoga e entrelaça os caminhos dos que a vivem diariamente e dos forasteiros que a atravessam. Além de enorme beleza paisagística e social, está dotada de enorme concentração de talento no seu território”, disse.

A Transibéria produz outros eventos culturais, de música e de dança, e está ligada ao agenciamento e management de artistas, sobretudo em Lisboa. Está por detrás do Festival Emergente, do Santos Pecadores e do Dançar a Cidade. ■

Agenda



“FILOMÚSICA ENSEMBLE”

A Igreja de Nossa Senhora da Consolação, no Castelo da vila, acolhe o concerto Filomúsica Ensemble, com entrada livre. O grupo, que integra o Teatro Nacional de S. Carlos, irá interpretar alguns dos maiores éxitos musicais do cinema, como *Over The Rainbow* e *Memory*, entre outros.

Sesimbra

27 de agosto, às 21h30



“GIRLS LIKE THAT”

Chega ao fim a carreira da peça “Girls Like That”, da companhia ArteViva, do Barreiro, no Teatro Municipal. A obra apresenta a história de sete colegas de escola que se sentem pressionadas com as novas tecnologias. Tudo gira em torno de uma nude de Scarlett.

Barreiro

27 de agosto, às 21h00



TRÊS CONCERTOS

A música nacional está de volta ao Parque de Feiras e Exposições, com concertos que assinalam o fim da época estival. Não há Feira de Agosto, devido à pandemia, mas os grandolenses podem assistir às atuações de Carlão, Fábria Rebordão e Tais Quais.

Grândola

27, 28 e 29 de agosto, às 21h30



“DESTA SOLIDÃO QUE NINGUÉM QUER”

A curta metragem de animação “Esta Solidão que Ninguém Quer”, de João Almeida e Luís Guerreiro, passa na tela do Centro de Artes em duas sessões. O texto é de Gonçalo Naves e a voz de Fábio Batista.

Sines

27 de agosto, às 18h30 e 19h30

Superlinox escolhe o anonimato em prol da liberdade para espalhar arte

Da noite para o dia, o artista mistério faz surgir escultura na cidade de Setúbal. A última apareceu no edifício da câmara de Setúbal, no passado sábado. Sem quebrar o anonimato, Superlinox falou com o Semmais sobre o significado a sua forma de expressão.

ENTREVISTA SOFIA CALEIRA IMAGEM DR / RENATO VINTÉM



Como nasceu este projeto?

Foi o destino. Só pode ter sido o destino! Fui um adolescente que viveu intensamente um estilo de vida ligado ao graffiti. Nessa altura, o artista Banksy ainda não tinha aparecido, ainda não se falava em “street art” e o graffiti era visto só como uma coisa marginal que não podia trazer nada de bom ao mundo. Depois fui estudar escultura para as Belas-Artes de Lisboa. Olhando para trás, hoje percebo que nessa altura troquei o graffiti pela escultura. Desde que me conheço que sempre tive algo a dizer - talvez tenha permitido demasiadas vezes que me silenciassem. Mas os artistas não precisam só de conteúdo, precisam também de uma linguagem própria. Encontrar essa linguagem é provavelmente a tarefa mais difícil - sendo difícil, demora o seu tempo. Toda a minha viagem pelo graffiti e pela rua, pela escultura e as Belas-Artes, galerias e museus, todas as conquistas e derrotas, desilusões, injustiças, encontros e desencontros com toda uma diversidade de pessoas e ambientes - desde o mais erudito ao menos erudito -, livros, filmes, viagens - exteriores e interiores -, mortes, doenças... Foi a minha vida que me trouxe até aqui.

E como surge o ‘bichinho’ pela escultura?

A paixão pela escultura surge nas Belas-Artes. De repente deparei-me com a tridimensionalidade, com a espacialidade e com a natureza dos materiais. Cada material tem as suas maneiras particulares de ser domado. Cada material é também um universo em si. Quando essa paixão surgiu, ainda estava muito ligado à frontalidade da pintura. A pintura e a escultura podem estar relacionadas, mas são coisas diferentes: a pintura trabalha a superfície e a escultura trabalha o espaço. Esse desafio espacial a que a escultura me obrigava rapidamente me conquistou, muito mais até que a questão da tridimensionalidade.

Disse que a “escultura trabalha o espaço”. Consideras que o teu anonimato interfere nesta “conquista do espaço” e na passagem da mensagem?

O que queria dizer com “a escultura trabalha com o espaço” é que o espaço é também um ‘objeto’ que pode ser moldado. O anonimato dá-me uma liberdade especial para trabalhar com o espaço público. De facto, há qualquer coisa de conquistar o espaço, mas como conquista territorial é uma conquista que logo prevejo

efémera. Ainda que a efemeridade aparente ser uma coisa débil, acaba por ser um pormenor bastante atual e pertinente. Apesar de fixar muito bem as obras, a dificuldade em retirá-las não é muito elevada. Imagino que para o funcionário da câmara não tenha sido muito difícil remover o “Joel” do letreiro. O que realmente me interessa não é a conquista propriamente dita, mas sim o significado dessa conquista. Na verdade, o que me interessa conquistar são os olhos das pessoas que vêm as esculturas, seja para o bem ou para o mal.

Os locais são escolhidos especificamente...

Às vezes, o local é escolhido primeiro, outras começo por escolher a obra. As obras, em si mesmas, transportam todo um universo e um conjunto de histórias, ideias e emoções. O mesmo se passa com os locais. O espaço onde as esculturas são instaladas passam a ser também escultura. Há uma reflexão sobre essa relação, privada e ao mesmo tempo pública, entre a escultura e o espaço - que são os valores básicos da denominada arte da instalação.

Reconhecendo que a efemeridade é, em grande medida, condicionada pelo público, podemos dizer que te

encontras sempre dependente do mesmo?

A escultura parece-me ser apenas um veículo. Se calhar a minha arte não está só na escultura. Sim, sou um artista que depende do público: todos os artistas não deveriam depender do público? (É uma questão pertinente.) A durabilidade das minhas obras de facto depende da decisão de algum indivíduo ou instituição. Ainda assim - mesmo guardando todo o tipo de registos visuais -, não acredito que as obras se percam depois de desaparecerem. A minha verdadeira dependência do público são os seus olhos e posteriormente a sua memória. Estou muito mais interessado no impacto que as obras podem ter nas pessoas que as vêm do que no tempo que duram no espaço. A torradeira durou um dia em cima do parapeito do Fórum Municipal Luísa Todt; o “Joel” durou quatro dias em cima do letreiro com a palavra Setúbal: será que as pessoas que viram estas obras já se esqueceram delas? Será que quando passam pelo letreiro hoje, não se lembram do “Joel”? Sempre tive esta sensação de que as coisas só “morrem” quando nos esquecemos delas.

A obra “The water heater who thought it could be invisible”

pode ser considerada um auto-retrato, enquanto manténs a tua invisibilidade?

A chaleira queria confundir-se com o céu, convicta de que ali iria permanecer para sempre. Durou quinze dias. “The rebel coffee pot” - uma obra parecida - durou oito dias. Todas as minhas obras têm muito de mim. Sim, a chaleira pode ser vista como um auto-retrato como provavelmente todas as outras obras.

Pretendes continuar a espalhar arte apenas pela tua cidade, Setúbal?

A cidade de Setúbal foi só o começo. Tinha contas a acertar com a cidade e com o meu passado. Para avançar para um futuro luminoso, temos de arrumar muito bem o nosso passado, não é verdade? Várias pessoas têm-me dado os parabéns por me ter iniciado em Setúbal, uma cidade da periferia. Ter começado em Setúbal acaba por ser uma espécie de statement. Assim, quando for para a capital, toda a gente saberá que venho de Setúbal: sem constrangimentos, sem vergonha, sem medo.

Podemos contar com novas ‘aparições’?

Em vez de me comprometer com palavras, prefiro comprometer-me com ações. Veremos! ■

FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE MOTOCICLISMO ESCOLHE SANTO ANDRÉ

Santiago do Cacém acolhe prova do Mundial de Enduro

São esperados dezenas de participantes e, talvez, milhares de entusiastas. Câmara diz-se pronta a acolher todos e a financiar o evento, Desporto motorizado é uma das bandeiras do concelho, que em breve vai homenagear Miguel Oliveira.

TEXTO JOSÉ BENTO AMARO IMAGEM DR

O **CONCELHO** de Santiago do Cacém vai ser palco, entre 8 e 10 de outubro, da quinta e penúltima etapa do Mundial de Enduro. A localidade alentejana foi escolhida para acolher o evento depois de a Federação Internacional de Motociclismo (FIM) ter cancelado, devido à pandemia, a prova que estava programada para ser disputada em Zschopau, na Alemanha.

A FIM, que é presidida pelo português Jorge Viegas, diz que a prova que terá lugar no município do distrito de Setúbal será a quarta e penúltima desta importante competição, sendo que a última e decisiva para a classificação final deverá ter lugar em Langaec, França, entre 15 e 17 de outubro. Na competição a disputar no Alentejo deverão participar motociclistas de todas as categorias, com exceção da Enduro Woman.

O concelho tem tradições no Enduro, sendo o Motor Sport de Vila Nova de Santo André, a quem foi atribuída a organização do evento e que

por norma conta com a colaboração do município, um dos clubes nacionais com maior experiência na preparação de eventos desportivos motorizados.

Em declarações ao Semmais, o presidente da autarquia de Santiago do Cacém, Álvaro Beijinha, manifestou toda a satisfação pela escolha do município: “Temos no concelho um clube que está habituado a estas organizações, com muitas dezenas de participantes, e também sabemos que reunimos condições para receber uma prova desta dimensão”.

Álvaro Beijinha afirmou que serão esperadas centenas de pessoas provenientes de todo o mundo, facto que “será de extrema importância para Vila Nova de Santo André e o resto do concelho”. “As pessoas ficarão por cá durante vários dias e isso será muito bom para a economia da cidade. Além disso temos também a presença das marcas mais conceituadas, o que atrai sempre muitos aman-



tes do desporto motorizado”, acrescentou o autarca.

O presidente do município disse ainda que o mesmo é, desde há vários anos, um reconhecido apoiante dos desportos motorizados, pelo que “faz todo o sentido que venhamos a dar todo o apoio logístico e financeiro que estiver à nossa dis-

posição”. Falando da tradição de Santiago nos desportos motorizados, Álvaro Beijinha disse ainda que em breve a autarquia irá entregar simbolicamente as chaves da cidade ao piloto de MotoGP Miguel Oliveira, o qual desde há muitos anos treina na região, promovendo-a como palco desportivo e turístico.

São esperadas centenas apreciadores da modalidade

A apresentação da prova deverá ser feita a 7 de setembro. Nessa ocasião deverão ser anunciados o número de participantes nas diversas categorias. ■

Nove ginastas sadinas no Mundial de Trampolins de Baku

Clube perdeu, devido à pandemia, cerca de metade dos mais de 600 ginastas que tinha a competir. Aguarda-se que a câmara crie um espaço de treino que contemple, também, o Clube Naval Setubalense.

TEXTO JOSÉ BENTO AMARO IMAGEM DR

O **VITÓRIA FUTEBOL CLUBE** vai levar ao Campeonato do Mundo de Trampolins, prova que se disputa por idades, nove ginastas. Trata-se da maior representação de clubes portugueses na competição que irá decorrer em novembro em Baku, na capital do Azerbaijão. Os ginastas do Vitória, conforme disse ao Semmais o dirigente e treinador Rui Praxedes, vão competir nas especialidades de tumbling (sete atletas), trampolim individual e duplo minitrampolim (um representante em cada). “É uma pequena proeza, esta de sermos o clube

nacional mais representado, obtida à custa de um trabalho continuado e que tem sido possível desenvolver mesmo sem termos o dinheiro e as condições materiais de outros clubes”, afirmou.

Rui Praxedes salientou que os atletas treinam sob as bancadas do Estádio do Bonfim, local que considera não ser o adequado. “Temos poucas condições de treino. A atual situação não é a ideal, fez dois anos em julho que foram feitos contactos com a Câmara Municipal de Setúbal para se arranjar uma

solução. A autarquia prometeu que iria arranjar terrenos, na sequência de um projeto para retirar o mercado abastecedor do local onde se encontra, e assim poder criar condições de treino para os atletas do Vitória e também do Clube Naval Setubalense mas, até agora, nada se concretizou”, adiantou o mesmo responsável, lembrando que o clube é igualmente uma referência na modalidade, com quatro campeões nacionais de trampolins em diversos escalões de formação.



AUTARQUIA E EMPRESAS APOIAM DESLOCAÇÃO

Apesar dos reparos devido à falta de um espaço adequado para treinos, o Vitória entende que, se não fosse a ajuda do município, e tudo seria ainda muito mais difícil. “Viajar para o Azerbaijão este ano só é possível graças ao apoio da câmara de Setúbal e de algumas empresas do nosso concelho e do de Palmela. Noutros anos tem sido possível efetuar as viagens totalmente pagas pelo

clube, mas este ano, devido a contingências diversas, tal não teria sido possível”, adiantou o treinador.

O Vitória Futebol Clube, que desde o início da pandemia da COVID-19 terá visto reduzir o número de ginastas em cerca de 50 por cento (de mais de 600 para pouco mais de 300) gasta com a ginástica cerca de 120 mil euros por ano, verba essa que provém, sobretudo, das mensalidades pagas por cada um dos atletas. ■

EDITORIAL
RAUL TAVARES
DIRETOR

O S. Bernardo não pode ser arma de arremesso

A PAZ podre que se vive no Hospital São Bernardo, em Setúbal, ameaça a estabilidade de clínica, com efeitos perniciosos para os utentes, e o justo desejo de que aquele centro hospitalar suba de nível e, dessa forma, passe a receber mais verbas para a sua missão quotidiana.

Sabe-se que há valências em rutura, abandono de especialistas e um serviço de urgências que vai funcionando aos solavancos.

Não é um problema de hoje, mesmo que, de acordo com a administração do São Bernardo, tenha havido um acréscimo de clínicos, nomeadamente tarefeiros, o que não resolve o problema de fundo.

Um centro hospitalar desta envergadura, que serve três dos concelhos mais populosos do distrito, Setúbal, Palmela e Sesimbra, não pode continuar a viver desta míngua, com falta de médicos, sem diálogo entre pares, com ruídos internos, muita insatisfação, e alguma falta de rumo.

Acresce que a ampliação da unidade está a dividir ainda mais os agentes hospitalares. Para além da demora nas decisões da tutela e do Governo, seria a altura certa para se acertar um novo plano estratégico para o futuro do São Bernardo. Uma ampliação mais robusta, que resolva os problemas e as contingências de hoje e não as que foram identificadas há alguns anos atrás. A não ser assim, será sempre uma espécie de remendo que não ataca verdadeiramente as necessidades da população.

Há também a ponderar a equação trazida com o anunciado fecho do Outão, um dos hospitais de referência em todo o país nas suas especialidades, que não cabe na ampliação que parece estar em curso (já há verbas inscritas para o efeito) e vai gerar novas conflitualidades orgânicas e físicas, conforme a maior parte dos médicos têm vindo a afirmar.

Mas o maior quisto deste processo é inexplicável. Como resolver esta equação e seguir em frente, quando administração e clínicos estão de costas voltadas? Como é possível não haver esforços conjuntos e conseguir-se uma enorme plataforma de entendimento que faça o Governo arrear caminho e dar um safanão neste processo.

E como é possível que assunto tão sério esteja a entrar na gincana política eleitoral, com passa-culpadas, ironias atrozes e armas de arremesso?

Se há alguma coisa a aprender com o processo das NUTs é unir esforços e fazer com todos estejam do mesmo lado. Salvar o S. Bernardo em nome das populações que gestores hospitalares, médicos e políticos dizem servir. ■

UM CAFÉ E DOIS DEDOS DE CONVERSA
PAULO EDSON CUNHA
ADVOGADO

PORTUGAL vive um fenómeno estranho que só acontece de 3 em 3 gerações – e devo estar a ser optimista – tem alguém com um desígnio nacional e está a cumprir-lo.

Falo naturalmente do Vice-Almirante Gouveia e Melo.

Também naturalmente já começou a ser “abandonado” pelo poder político, com pouca solidariedade institucional, vítima dos negacionistas, qual bode expiatório de todos aqueles que entendem que o Covid é uma “maquinação imperialista” e que têm no Vice-Almirante o seu alvo máximo.

Em primeiro lugar, para ser justo, quando percebi que Portugal ia enfrentar o seu maior desafio logístico desta geração – vacinar toda a população em tempo recorde, com as estruturas que tínhamos, sem enfermeiros para os hospitais, centros de saúde e demais locais onde são necessários e com uma péssima capacidade de organização logística, onde impera o seguidismo, a famosa “cunha”, a desorganização, o facilismo, pensei logo que era impossível cumprirmos esse desígnio. Pelos vistos engeinei-me. E ainda bem!

Mas, a favor da minha ideia, recordo-vos – Estava ser assim: fomos dos últi-

De Vice-Almirante a Chefe Supremo?

mos Países Europeus a ter um Plano de Vacinação, com muitas gaffes e desorganização, onde uns dias se dizia que não se ia dar prioridade aos idosos, nos outros dias já se ia dar, onde a incerteza imperava na sociedade.

Mais grave, todos nos lembramos (foi há apenas oito meses) os “Tugas” rapidamente encontraram um meio de contornar as regras – pouco claras e menos vigiadas e quem se safava passava à frente dos outros, fosse pelas famosas “sobras”, que permitiam que até o pessoal das pastelarias passasse à frente de pessoal médico, como também não havia chefe de associação que, de repente, não precisasse da vacina, porque alegadamente contactava com um público facilmente infectado.

Parece que foi noutra vida, mas, meus senhores, foi apenas antes do Vice-Almirante entrar e acabar com esta bagunçada que se vivia. O nosso PM, tinha nomeado um amigo, que graças a Deus se demitiu após mais um escândalo, fruto das suas próprias regras e só após a entrada do Vice-Almirante é que, paulatinamente, as notícias passaram a ser outras: organização, plano e execução. O discurso passou a ser claro, assertivo, directo e não contemplava

“baldas”. Colocou toda a malta nos eixos.

Estabeleceu metas e, pasmem-se, cumpriu-as. Mesmo com períodos em que a escassez de vacinas levaria a ter uma desculpa para atrasar o cumprimento desses objectivos.

E eis que, num Portugal desabitado de alguém assim, começou a minar o ego, primeiro da malta da DGS, depois do Ministério da Saúde e finalmente do próprio PM.

Reparem no contraste entre as inenarráveis conferências de imprensa da também ela inenarrável e incompetente Graça Freitas, que dava o dito por não dito e quase não acertou um único dos prognósticos com que nos brindou, com as declarações do Vice-Almirante. Comparem meus caros e perceberão o que vos quero dizer.

Por mim, levantava já um movimento nacional para que o Vice, passasse automaticamente a Almirante e, depois, quem sabe, a algo mais, pois sinceramente estou desabitado a tanta competência e quando vejo, prefiro ser governado por alguém que me inspire confiança do que alguém que passa a vida a deitar números para o totobola e ainda por cima nunca acerta... ■

À PARTE
LEVI MARTINS
DIRETOR DA COMPANHIA
MASCARENHAS-MARTINS

A MEIO CAMINHO entre os seis e os sete anos desde a fundação da Mascarenhas-Martins, continuamos a tentar. No início da próxima semana apresentamos uma nova temporada com várias novidades e uma regularidade mais próxima daquela que idealizamos. Continuar a tentar implica assumir que não estamos satisfeitos, que queremos ir mais longe, não só no que diz respeito ao que criamos, mas também na relação com a nossa cidade e concelho, Montijo, e a sua população. Na base da programação que preparámos mantêm-se a vontade de produzir objectos (espectáculos e não só) que partam da necessidade de quem os propõe em intervir através da criação artística, sejam eles mais experimentais, por exemplo na procura por novas maneiras de pensar o que pode ser hoje a escrita para teatro, ou mais lineares e directos. Continuamos a acreditar na importância da liberdade de criação, por oposição a quaisquer tentativas de agradar ao público ou a programadores – mesmo que a defesa dessa liberdade constitua um caminho muito mais difícil do que ceder à tentação de ir ao encontro daquilo que poderia ser mais bem recebido. A

Continuamos a tentar

nossa actividade é, de certa forma, oposta aos algoritmos que tentam influenciar as nossas escolhas a partir daquilo que conseguem analisar das opções que fizemos. Claro que também queremos agradar, mas a partir daquilo que somos e não de uma adaptação constante ao que supomos que esperam de nós. É a defesa das relações verdadeiras, por muito que nos custe, em detrimento das relações interesseiras a que estamos sujeitos em grande parte das interacções sociais e comerciais.

Nesta nova temporada vamos ter uma oferta mais vasta e diversificada, mais perto daquilo que desejamos desde o início, embora não ainda de uma maneira que possamos considerar ideal. Um dia havemos de ter um espaço em que nos seja possível apresentar as nossas criações e acolher artistas todas as semanas. Seja como for, nos próximos meses vamos poder encontrar-nos em diferentes espaços culturais no Montijo (e não só): nos concertos que iremos trazer à Sociedade Filarmónica 1.º de Dezembro; em espectáculos que apresentaremos no Cinema-Teatro Joaquim d’Almeida; ou na exposição que estará patente na Galeria Municipal do Montijo

– com o apoio da Direcção-Geral das Artes, Câmara Municipal do Montijo e Junta de Freguesia da União das Freguesias de Montijo e Afonsoeiro.

Faremos um esforço suplementar para divulgar o nosso trabalho e ir ao vosso encontro, ainda que seja importante perceber-se que nenhuma estrutura de criação artística (sem fins comerciais) consegue fazer campanhas publicitárias equivalentes às dos festivais de Verão, serviços de streaming ou do cinema comercial – faço esta referência porque é habitual confrontar-me com o argumento de que as iniciativas culturais no Montijo são pouco divulgadas, mesmo quando existe informação na Agenda de Eventos e nos diversos meios ao dispor da Câmara Municipal, nas redes sociais e na imprensa local, regional e, por vezes, nacional. Há vida fora dos algoritmos, mas não entra, da mesma maneira, pelas nossas casas adentro.

Continuamos a tentar cumprir aquilo a que nos propusemos quando, em 2015, fundámos a Mascarenhas-Martins. E é provável que cheguemos ao fim, seja lá quando ele vier, com a mesma sensação. ■

semmais / Ficha Técnica

Diretor **Raul Tavares** / Redação, **Anabela Ventura, António Luís, Cristina Martins, José Bento Amaro, Marta David** / Coordenação Comercial **Cristina Almeida** / Direcção de arte **Pedro Frade** / Design e paginação **Baltazar Martins** / Serviços Administrativos e Financeiros **Mila Oliveira** / Distribuição VASP e Maiscom, Lda / Propriedade e Editor **Maiscom Edição e Publicações, Unipessoal, Lda**; NIPC 513 409 246 / Capital Social **Raul Manuel Tavares Pereira** (100%) / Redação Largo José Joaquim Cabecinha nº8-D, (traseiras da Av. Bento Jesus Caraça) 2910-564 Setúbal. E-mail: publicidade.semmais@mediasado.pt; Semmaisjornal@gmail.com / Telefone: 93 53 88 102 / Impressão Empresa Gráfica Funchalense, SA. Rua Capela Nossa Senhora da Conceição, 50 - Moralena 2715-029 - Pêro Pinheiro / Tiragem 20.000 (média semanal) / Reg. ICS: 123090. Depósito Legal; 123227/98 / **semmais.pt** / **f** /jornalsemmais

O MELHOR PEIXE É NOSSO!



Fernando Teodoro

Mestre da embarcação "Mestre Manso"
Sesimbra



É da lota. É de confiança.

**Do nosso mar
Das nossas lotas
Das nossas embarcações**

Nas suas compras, escolha o Pescado Português! É nosso!

#OMelhorPeixeéNosso

